



A série mostra a reversão do crescimento do PIB na economia brasileira e nas regiões Nordeste e Sudeste, entre 2011 e 2016, a partir da variação acumulada em 12 meses, tomando como referência o mês de junho dos respectivos anos.

O crescimento positivo de 5,5% da economia brasileira, em 2011, converteu-se em um decréscimo de -5,6%, em 2016. Comparando-se com o ano de 2015, quando o país teve a maior depressão na taxa de crescimento do PIB (-4,3%), o ano de 2016 apresenta indicadores ainda mais preocupantes, ainda que se apresentem expectativas mais favoráveis dos agentes econômicos, em relação às medidas que vêm sendo anunciadas, no âmbito de reformas econômicas.

A entrada nesse ciclo negativo, a partir de 2014, parece ter tido inicialmente um efeito mais acentuado na região Sudeste, que cresceu apenas 0,9%, nesse ano, contra 1,9% do Brasil e 1,7% da região Nordeste. No ano seguinte a queda do PIB da região Sudeste (-0,9%) foi mais acentuada que a da região Nordeste (-0,1%) e ambas decresceram menos que o Brasil (-1,9%). Já em 2016, o Brasil continua com um decréscimo mais acentuado (-5,6%) que estas regiões. Mas a situação parece ter ser revertido ligeiramente, com o Nordeste sentido ainda mais acentuadamente a crise (-4,4%) do que a região Sudeste (-3,5%).

Em relação aos aspectos regionais, elementos como as transferências de renda do orçamento federal para a região Nordeste e o seu papel na manutenção do crescimento, estimulando a demanda local, merecem maior investigação.

No âmbito nacional, mesmo com uma aparente tendência mais “favorável” da região Sudeste, em relação ao quadro nacional, ressalte-se as taxas ainda são alarmantes. É importante que a região mais industrializada seja capaz de sair antes da crise, com possíveis efeitos positivos sobre a economia nacional. Em 2016, os dados negativos, superando 2015, deixam-nos apenas com a perspectiva dessas tendências. Esse ainda é o motor que alimenta a discussão atual. Sem crescimento do PIB, o ajuste fiscal que está na ordem do dia, baseado na limitação das despesas, dificilmente será sustentável.